

THEOPHILO DIAS

Lira dos Verdes Anos

(POESIAS LYRICAS)



RIO DE JANEIRO

EVARISTO RODRIGUES DA COSTA, EDITOR

28 Travessa do Ouvidor 28

1878

THEOPHILO DIAS

Lyra dos Verdez Anos

(POESIAS LYRICAS)



RIO DE JANEIRO

EVARISTO RODRIGUES DA COSTA, EDITOR

28 Travessa do Ouvidor 28

1878

NOTA

Por motivos que não vem ao caso referir, este livro, que devêra ser publicado em fins de 1876, só agora, ao cabo de quasi dous annos, apparece.

Sirva esta declaração de desculpa ao autor, que pensava de modo muito diverso do que hoje quando compoz estes versos.

Maio—1878.

Antonio Odonico Dias de
Misquita offerece o presente
livro, ao Sympatico Cidadão
Felicio de Cangios Coutar
Angano 31 de abril de 78

LYRA DOS VERDES ANNOS



MINHA TERRA

A FONTOURA XAVIER

Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá
G. DIAS.

I

Lá na terra formosa, onde os palmares,
Com fronte altiva devassando as nuvens
Roçam os céos azues, — meus olhos pasmos
Do verde-escuro das florestas virgens
Sorriram da existencia á luz primeira.
Foram dos ventos bravos os mugidos,
Dos hartos troncos recurvando os topes,
—Hymnos do meu natal, —e cantos d'aves
Das moitas escondidas, ou dos ramos
Debruçadas, trinando ao pé dos ninhos.
Nasci; arbustos tenros apontavam
Ao tempo que eu nascia, á flôr da terra;
Eu com elles cresci; —do chão aos poucos
Vi-os se erguendo fortes e robustos,
Vi-os tomando corpo, e viço, e côres
Mais vivas cada vez, —depois abrindo
Fragéis botões em flores rubicundas:
Chamava-os meus irmãos, —amava-os muito.

II

Alli dava-me a aurora os seus carinhos,
E a brisa sussurrando entre açucenas,
Seus suspiros me dava e seus perfumes.
Alli, ao som da trepida toada
Do regato a correr, — por entre pedras
Ondas loquaces murmurando, — em leito
De nenuphars reclinado, — ao morno
Clarão baço da lua, em balbucios
A voz, — já eu casava ao som da lyra
Meus carmes infantis e fugitivos.
Nasceu-me n'alma a poesia — como
Radia loira luz, por noite escura,
N'aza dos pyrilampos, em myriadas
— Do fulvo tapicuêm nas fendás rubras,
— Languida como gemedora queixa
Que no peito da pomba trina, á tarde,
A prole implume conchegando ao collo:
Brotou como do tronco esporta o ramo,
Do ramo flôres, e das flôres — fructos,
Como a chuva da nuvem, como a espuma
— Das aguas — e dos luridos casúlos
Do algodão o penacho alvi-tremente.
Dos mimos ternos que a medrosa musa
Da criança trahiu, — doces segredos,
A sombra da floresta inda os repete;
Guarda os o sabiá, cantor das selvas,
Que tantas vezes mudeceu, — no galho
Pousado, — attento, — silencioso, ouvindo

Minha trova gentil... Talvez o espectro
D'algum Piága, errando a horas mortas
Da noite, me escutou a mudez sacra
Das matas abrandar, — talvez tristonha
Alma penada, a tiritar de frio,
De subtil colibri vestindo as fórmãs,
Sentiu consolo de me ouvir cantando.
Alli, debaixo das copadas frondes
De sombrio arvoredó, iam meus dias
Ledos correndo, longe d'outro murmur
Que não fosse o bulicio da folhagem.
Pelo murchar e refflorir dos prados
Meus annos eu contava, —pelos fructos
Que amarellava o outomno, —pelas côres
Com que esmaltava a primavera os campos.
Como prende o regato uma onda a outra,
Rolando-as sobre um chão de fina areia,
Assim da minha placida existencia
Se encadeiavam, ledos sempre, os dias ;
Este vinha, —fugia, outro passava,
E um outro após, —interminavel laço
De flores perennaes, corrente eterna
De gozos e delicias ineffaveis.
Ao sereno cahir d'antigas tardes,
Prazia-me escutar, quebrando aos echos
Da soidão a mudez, o côro triste
D'agoureira guariba, enchendo os ermos
Com o canto melancholico e monotono ;
— De ouvil-o se infiltrava no meu peito
Meu que sentimento inexplicavel,

— Não de alegria, — de pezar não era, —
 Talvez um mixto d'ambos, — um composto
 De um prazer tristê, e de uma dôr que ria.
 E quando, em pleno céu, dormente a lua
 Mansa e quieta se embalava, como
 Sizudo infante a dormir no berço,
 D'entre as rendas erguendo a fronte pura,
 — Prazia-me scismar, sentado á beira
 Do rio, ao rouco estrondo da cascata
 D'altas rochas tombando em fundo abysmo,
 — Vêr feridas da luz, pulando, as gotas
 D'espuma se estrellarem radiosas,
 Como uma chuva refulgente d'oiro,
 Mas—liquido, em pó humido desfeito.

III

Das matas no silencio era-me brinco
 Das sussuaránas o pizar furtivo
 No folhiço abafado, — o ronco horrendo
 Do tigre hirsuto, reboando o solo,
 Ciumento a rugir da femea em torno.
 Jubilo me era a rapida corrida
 Do feridô tapír, manando o sangue
 D'anca mordida de feroz matilha,
 Ou do queixada na espelunca horrenda
 Luta sinistra, o estridulo rangido
 D'agudos dentes, rispido vibrando
 Travados entre as rabidas mandibulas,
 — Que ondas de espuma de furor vomitam

Quando amestrado galgo, em frente posto
Da furna, o olhar ardente, o corpo erecto,
Crebro ladrava, meneiando a cauda.
Na toca a fera, os pellos erriçados,
Olhos em braza, a unha bipartida
Cavando o barro duro, às vezes louca
De furia e desespero, arremettia
Contra o arrojado, pertinaz imigo.
Quadro soberbo!—Celere saltando,
Nega-lhe o peito o cão.—Soprando iroso
N'areia a tromba negra immerge inteira
O sanhudo animal, tentando embalde
No experto lutador ferrar as prezas.
Este—d'um lado, d'outro, atraz, defronte,
—Já rasgando-lhe a pel' com dente agudo,
Já fazendo-o açoitar com o corpo a terra,
Em circulo apertado o estreita e preme,
Té que do caçador certo o tiro
Fuzila, trôa,—espedaçando o rijo
Craneo da fera—que espojando arqueja,
E o chão revolve, e brame, e freme, e expira.

IV

Florestas virgens, que me fostes berço,
Perdão! perdão! si o filho das devezas,
Que muito desejou por vós somente,
Ao sopro da ambição fugindo aos lares,
Saúdoso vos deixou, de gloria em busca:
Por castigo lhe baste a ausencia vossa!

E quando acaso, o peregrino, um dia,
Ao sol das desventuras encalmado,
Procurar vossa sombra, oh! dae-lhe abrigo !
Meus selvagens irmãos, troncos dos ermos,
Do ingrato recebei nas vossas folhas
A poeira dos ossos desparzida.

1875—Icarahy.



JUVENILIA

I

Lembras-te, Mila ? Uma vez,
Á sombra de um arvoredo,
Jovens, ardentes, sem medo
Nos encontramos a sós ;
Em roda tudo socego,
Tudo silencio profundo !
Nós ambos—longe do mundo,
E o mundo—longe de nós.

A nossos pés descuidosa,
Fria, sonora corrente,
Chorava clara e dormente
Sobre gramineo tapiz,
E a onda facil fugia
-Como a visão da ventura
A quem na terra procura
Ser um momento feliz.

N'aquelles gratos, instantes,
Quanto doce pensamento !
Quantas palavras ao vento
Cheias de fogo e paixão !
Quanto luar nos teus olhos !
Na relva quanta verdura !
Quanto amor ! quanta ternura
No tremor do coração !

E o dia sempre risonho!
E o grupo das horas—leve,
Malsentido,—louco,—breve,
Sempre, incessante, a fugir!
Eu contigo e tu commigo,
—Como n'um sonho embebidos,
—Como da vida esquecidos,
—Do passado e do porvir!

Do tempo as azas veloces
Mais apressadas batiam,
Macias auras gemiam
Como um gemido sem fim
Casado ás vozes dos ermos,
Saudosas, ternas, constantes,
Como toadas distantes
De cordas de bandolim.

Mas de repente agitando
A negra, gentil cabeça,
Partiste, linda e travessa,
Pelas ruas do rosal;
E eu murmurava, tremendo:
—Phalena de meus amores;
Não vás quebrar entre as flores
As azas côr de coral.

**Meu Deus! meu Deus! como os sylphos,
Ao vê-la passar, se aninham
Nas rosas,—e alli definham
Transidos de puro zelo!**

Porque tão subtil me evitas,
E tanto de mim te afastas ?
Repara ! vê que me arrastas
Nos anneis do teu cabelo !

Dize, formosa, essa brisa
Que nas tranças se te enreda,
Acaso te não segreda
Murmurios do peito meu ?
Quando medrosa te passa
Por sobre a roupa dos seios,
Não te acorda devaneios,
—Desejos de um outro céu ?

Pois não te diz a louquinha
Que,—de affeições erma e núa,
Não é esta a patria tua,
Nem^oteus estes céos e mares ?
—É tão mimoso o teu corpo,
E as tuas formas tão leves
Que eu temo que tu te eleves,
E mais não desças dos ares !

Não fies, folha de rosa,
Da viração leviana ;
O espelho d'agua te engana....
Vê que te póde levar !
Ai ! tão ligeira deslizas
Que eu fico extatico e mudo !
Tenho ciumes de tudo,
—Flôres, terra, fonte e ar !

Travessa! de meus cuidados,
Emquanto me vaes fugindo,
Os genios estão se rindo
D'entre as moitas de bambús,
E minh'alma, que te segue,
De avistar-te ao longe—scisma
Que enxerga através d'um prisma
Reflexos de fatua luz.

Paraste ? que foi ? que sentes ?
Rendeu-te acaso o cansaço ?
Olha, apoia-te a meu braço,
Vou á sombra te levar ;
O penteiado desfez-se ;
Como tremes offegante !
E como escuto anhelante
Teu coração palpitar !

II

Vês como aquella corrente
Se deriva pressurosa ?
Vês agora aquella rosa
Como já se inclina ao chão ?
—Tão de pressa a mocidade
Nos vóa, como a corrente,
E como a rosa innocente
Murcha e morre o coração.

Passageiro, vão é tudo !
As côres que feneceram,
As aguas que já correram
Nunca mais hão de voltar ;
—Assim os dias que foram,
Sejam risos, sejam prantos,
Sejam lamentos ou cantos,
Sejam prazer ou penar.

Mas enquanto passa o tempo
E a juventude se afasta,
Grato amor se nos engasta
Nas dobras do sentimento,
—Doce amor que nos arrouba....
Que me prende estreito, unido,
Todo, todo n'um sentido,
N'um querer, n'um pensamento.

Quer a flôr orvalho brando,
Quer a brisa aroma puro,
Quer o astro o manto escuro
Da noite para brilhar ;
Querem aves fresca sombra
Onde gorgeiem seus cantos....
Eu só quero os teus encantos
Para morrer de os amar.

Mas que tens ? suspiras ? córas ?
Emmudeces ? não respondes ?
Ai ! medrosa ! pois escondes
De corada o rosto teu ?

Olha-me bem!—como é bella,
Na tua fronte divina
A côr da luz matutina
Quando ri, doirando o céu!

III

Ah! Mila! quando me lanças
Esse olhar de fogo cheio,
Porque intumesce o teu seio
Suave e casto languor,
E mais se ameiga o teu rosto
Todo luz, todo magia,
Como uma flôr de poesia
Rubra de beijos d'amor?

Às vezes, Mila, te vejo
Como n'um sonho embebida,
—Grato scismar que da vida
Te rouba todo o sentir;
E eu penso então que tua alma
Por céos lozginquos se esconde,
Por céos ignotos—aonde
Ninguem te póde seguir.

Não sabes tu que de vêr-te
Tão triste assim—eu padeço?
Que os proprios males esqueço,
E soffro com o teu soffrer?

Que do pallor do teu rosto
No tenue véo fugitivo,
Eu tento lêr o motivo
Que faz-te assim padecer ?

As magoas, Mila, me conta
Que tão fundas te devoram ;
Sei que teus olhos não choram
Temendo interna traição ;
Ai ! tu mal sabes que eu sinto
Que o teu pranto suŕocado,
Te ferve e pula abrazado
Nas fibras do coração.

Não, tu não sabes que vaga
Minha alma louca contigo,
Que eu te observo e te sigo
No têu intimo scismar,
Que os meus olhos te acompanham
Como duas mariposas,
De tuas faces nas rosas,
—Ardendo no teu pensar !

Não, tu não sabes que eu leio
Cada idéa que esvoaça,
Cada desejo que passa
Dos teus olhares na luz,
Onde tua alma se espelha
No enleio placido e vago,
Qual doira a nuvem—d'um lago
A flôr das ondas azúes.

Sabes que sinto o que sentes ?
Que sei teus males, e quantos ?
Ouve ! Minha 'harpa tem cantos
Que abrandam todas as dôres ;
Ao doce som de meus hymnos
Alisarei teus caminhos,
E em vez d'agudos espinhos
Terás grinaldas de flôres.

Tu me dirás teus queixumes,
Eu te direi meus pezares,
A causa de teus scismares
Me contarás, por quem és !
Porém não me fujas quando,
Depois da causa sabida,
Minha alma ardente e sentida
Fôr se exhalar a teus pés.

Ah ! si me ouviras... folgára
De ter alma, vida e peito,
Tudo curvado, sujeito
N'um volver dos olhos teus !
Fôra esmagar da incerteza
O mal que não punge eterno !
Fôra morrer n'este inferno,
Para acordar nos teus céos !

IV

Nada disseste,—e meu rosto
Baixou-se triste,—tão triste
Que tu mesma te sentiste
Do meu interno desgosto.

Foi quando ouvi-te a voz calma,
Repassada de ternura,
Fallar-me com tal doçura
Que inda resôa em minha alma.

—Não te entristeças assim !
Amar-me ? fôra loucura !
Si corres traz da ventura,
Não corras após de mim.

Foi voz ? foi canto, ou murmurio
De harmonia estranha, ignota ?
—Creio mais ter sido nota
De lyra de cherubim !
Eu te perdô a mentira;
Quizera amar-te, inda assim !

V

Oh ! tua doce voz, suave e branda !
Quando ella me coou como um perfume
De labios divinaes, nos meus ouvidos,
Julguei ouvir um canto suspiroso,
Como nota furtiva d'harpa eolia,
Da noite ao seio transvazando as queixas
D'anjos errantes na soidão dos ares.
Foi um som delicado e mavioso
Que minha alma passou de gozo e amores,
E embebeu-se na eterna melodia
Do harmonioso universal concerto.
E quando aquelle som fluiu macio
Sobre meu coração soffrego, ardente,
Senti que o meu passado não valia
Um só olhar dos teus, um teu sorriso,
Um affago siquer, um gesto ao menos,
Nem a mim um suspiro de saudade !
Senti que não vivêra, e que era a vida
Que á luz dos olhos teus se me acordava !
Oh ! feliz sonhador,—eu que dormia
E despertando te encontrei mimosa,
Bella—como a illusão de um bello sonho !

RISOS

É bello o riso que desbrocha a furto
Em labios virginaes, — nuncia segura
D'esperança d'amor aberta a medo,
No seio encantador d'uma alma pura.

Vai n'um céu de verão, tepido e morno,
Nevoa sem fórma ao primo albor d'aurora,
E rindo passa e as flôres humedece,
Como um pranto sem dôr, riso que chora.

Assim tu ris!—As borboletas vôam
Leves em torno ao calice das flôres,
E os risos brincam nos teus labios como
Bando de borboletas multicôres.

E mais me encanta e me seduz teu riso,
Quando travessa na garganta o trinas,
Rapido, vivo, harmonioso e doce
Como um gorgeio d'aves matutinas.

Terno suspiro, um gesto gracioso,
Uma voz meiga, um quebro d'olhos brando,
Furtivo beijo, tímido, abafado,
Em mão de neve e purpura soando,

Nitido anel de caprichosa trança,
Que da fita rebelde se desprende,
E que n'ancia do fervido contacto
Da face no pallor se estorce e pende,

Tudo enleva, extasia, arrouba, encanta
Um peito como o meu,—seduz, captiva ;
Mas quando o riso teu puro se esmalta
Reflectido do olhar na luz tão viva, .

Então me exalto ao céu, me inunda o seio
Um diluvio de sonhos peregrinos;
Perfumes de outra vida me embriagam,
E a lyra se me acorda á voz dos hymnos.

Eu amo o riso teu, alegre ou triste !
Quer mudo te magôe do labio as flôres,
Quer fugitivo como brisa louca
Levando n'aza um cantico d'amores.

É bella essa mudez que falla tanto
Na tristeza que d'alma te irradia,
Como as sombras da noite se alongando
Em rôxo-claro céu no fim do dia.

Porém, quando o prazer te córa as faces
E o riso estala em notas argentinas,
Minha alma ardente nada em mar d'arroubos,
Meu peito se enche de emoções divinas.

Ri de amor, de ventura, ou de saudade!
Tambem o céu tem luz e tem negrumes....
Folga e ri!—São teus labios rubras flôres,
E os risos teus—perfumes.



AS DUAS FONTES

(MOORE)

De cava rocha brotando
Duas fontes murmuravam,
E ondas sobre ondas rolavam,
Par a par, e lento e lento :
Era aquella a da memoria
Corrente limpida e pura,
Est'outra, turvada, escura,
A do triste esquecimento.

« Amor »—disse eu, como em sonho,
Molhando os labios ardentes
Nas frias aguas dormentes
Do Lethes negro e fatal ;
« Ah ! sepultem-se no seio
Destas tão frigidãs aguas
Lembranças de minhãs magoas,
Recordações do meu mal. »

Mas, ah ! quem póde no peito
Soffrer o vacuo medonho,
D'onde o passado,—ou risonho,
~~Se~~ desgraçado,—fugiu ?

Então, molhei da memoria
Meu labio á lisa corrente,
E o meu passado na mente
De novo, inteiro surgiu.

E eu disse: « Amor! meu destino
Qualquer que seja, minha alma,
— No pranto ou no riso, calma,
— Sempre fiel te ha de ser ;
Antes quero,—ou calque espinhos,
Ou pise estradas de flôres,
— Lembradas todas as dôres,
Que deslembrado um prazer.

Embora em dobro eu padeça;
Porque tu, memoria, és fria
Para pintar a alegria
D'um tempo que já passou :
Comó a breve côr do iris,
Retratas breve a ventura ;
— Um só momento fulgura,
Depois.... no céu se apagou!

E si conser~~vas~~ reflexos
Tenues, frouxos e sumiños,
— Sombras dos raios queridos
Do sol de outr'ora,—inda assim,
Rola dos olhos em bagas
Teu pranto nessas lembranças,
— Ermam-se os céos de esperanças,
Que todas fogem por fim !

Não assim quando despertas
Saudades do que já fôra!
Tu, tristeza, és duradoura,
Tu, alegria, és fugaz!
Si fallas, tristeza, a noite
Da vida sobre o passado
Nos lança o manto cerrado,
Tornando-o negro inda mais!

O SOMNO

Dreams! dreams! dreams!
(COWPER)

Quando nas horas placidas da noite
Tranquilla dormes no macio leito,
E o halito subtil de leve agita
As rosas orvalhadas de teu peito ;

Si mal sentido murmurio tenue
Turbar-te ás vezes o dormir suave,
Como brando offegar de uma criança,
Ou longe,—quasi extincto, um trino d'ave

Si sêntires no rosto um sopro ardente,
Um contacto de mão gelada e fria,
— Não interrompas teu dormir sereno,
Não descerres a palpebra sombria.

Corre a noite propicia a tantos crimes,
Encobre tanto horror a sombra sua,
Que minha alma, velando o teu socego,
Vae d'amor suspirar n'alcova tua.

A pobre treme de te vêr sosinha,
Da innocencia no candido abandono,
Sizuda a fronte perfumada e pura,
Trança revolta no languor do somno.

És tão bella a dormir ! Deixa que eu vele... ,
Ouves ?—Murmura ao longe, morno e quedo.
Na praia o mar ;—o vento rumoreja
Suavissimo e doce no arvoredos....

Não me escuta siquer.... O céu fulgura
Nos raios do luar,—a noite é bella,
A luz brilhante esbate-se nos vidros,
E pallida illumina o rosto della....

Anjo dos sonhos meus, si no teu somno
De joelho a teus pés me vês sorrindo,
Não despertes ! que o sonho dos amores
Meu nome esfloresce no teu labio lindo.

Mas não ! dorme tranquilla ! que te importa
Ter eu no sangue a febre d'agonia ?
Meu penar que te importa ? Dorme ! sonha !
Não descerres a palpebra sombria !

LEMBRA-TE DE MIM

(SADLER)

Quando se apartam na vida
Dois corações que se adoram,
E as almas despidas choram
De todos os sonhos seus,
—Que phrase pôde a amargura
Traduzir d'esse momento?
Toda a dôr do apartamento?
Toda a agonia do adeus?

Uma só!—essa resume
A dôr, a magoa sem fim;
Rompe do peito em soluços:
—Lembra-te sempre de mim!

Chora a noiva inconsolavel
Junto ao mar, que os pés lhe banha,
Guardando na escura entranha,
Do noivo os restos mortaes:
Si os tristes, pallidos ossos,
Nas aguas frias se enrolam,
Que lembranças a consolam
Do morto, que não vem mais?

Uma só!—na despedida,
Labio a labio, os dois assim,
Entre beijos murmuravam:
—Lembra-te sempre de mim!

Voto ardente!—Não te esqueças!
—Lembra-te sempre!—na vida,
Ou na morte estremecida,
Seja na terra ou nos céos!
—És um arranco profundo
D'um coração que padece!
Só tu traduzes a prece
Da hora extrema do adeus!

Consolas os que se apartam,
Seccas o pranto aos que choram,
E lembras aos que se adoram
Que um dia unidos, por fim,
—Morta a ausencia eternamente,
Jamais n'outra despedida
Dirão com voz commovida:
—Lembra-te sempre de mim!

SOMBRAS

E a pallida imagem desfez-se em neblinas!

(VARELLA)

Na hora em que as nuvens dormitam no espaço,
Do céu no regaço—de fulgido alvor,
E a lua cançada seus raios enfia
Na rêde sombria dos ramos em flôr,

Eu vi! nem foi sonho de fórmas sem vida,
Que a mente illudida, por caso, gerou,
Nem fada, nem anjo de nitidas plumas,
Que em carro de brumas na terra passou :

Eu vi, reclinado n'um berço de rosas,
De folhas cheirosas, á luz do luar,
Um corpõ formoso, de humana estatura,
Que aérea figura podera invejar.

Nos hombros de jaspe,— cahindo em novellos,
Um laço—os cabellos de manso prendia,
D'uma harpa nas cordas seus dedos passavam
E os ares pejavam de ignota harmonia.

A brisa, esflorando seus lábios a medo,
Lhe ouvia um segredo d'incognito amor,
E a lua brilhava sizuda e mortíça
Na frouxa enredança dos ramos em flôr.

O' filha das sombras, nas sombras nascida,
Que endecha sentida murmuras aos ventos?
Na dôr que te punge meu peito se embebe,
Minha alma recebe teus doces lamentos!

Si amarga tristeza teus dias invade,
Si vens de saudade nos ermos carpir,
Não sabes? as brisas, os astros, as flôres,
Tristezas d'amores não podem sentir.

Eu fujo do mundo que o genio degrada,
Si o ermo te agrada, me encanta a soidão;
Nos ermos se sentem, á sombra dos lyrios,
Melhor os delirios de accesa paixão.

Oh! vem, peregrina visão de meus sonhos!
Teus olhos tristonhos, teus lábios sem côr,
Eu quero animal-os n'um beijo tão leve
Que á forma de neve não turve o pallor!

Encanto das selvas! que rir merencorio!
Teu seio marmoreo palpita com frio....
Meu Deus! que eu não possa morrer suspirando,
De vida inundando seu peito vazio!

E a noite era linda.... e os echos dormiam....
E os astros tremiam do espaço no alvor....
E a lua brilhava, dormente e calada,
Na trança doirada dos ramos em flôr.

E á diva das noites a fronte saudosa
Cobriu-se medrosa de nuvens azues;
A luz das estrellas turbou-se n'alfombra,
E a filha da sombra desfez-se na luz !

LYRA

É a sina do poeta
Nascer, soffrer e cantar;
Sou poeta ! minha sina
Cumprerei sem vacillar:
—Deus a par do soffrimento
Poz tambem muito gozar.

Nasce a planta, e logo cresce ;
Com a parasita se enlaça ;
Desponta a flôr entre espinhos
Dos ramos a que se abraça ;
—Os mesmos élos na vida
Prendem fortuna e desgraça.

Deus ao poeta, que soffre,
Nos paroxismos da dôr,
Deu-lhe o riso casto e puro
Da virgem do seu amor ;
—Nem ha bem que eu mais prefira,
Nem coisa de mór valor.

Meu amor ?—é um segredo
Que eu guardo muito escondido,
Fecho-o no cofre do peito
Como um thesouro querido ;
Meus labios nunca o disseram,
Porque não seja sabido.

Guardo-o com todo o cuidado
Como um perfume sem par,
Que ao menor toque desfaz-se
Puro e cheiroso no ar;
Inda que o peito murmure,
Meus labios devem calar.

As plantas vivem de orvalho,
Que lhes dá viço e frescor,
Vivem as brisas de aroma
Bebido em seios de flôr;
—Ao poeta, dão-lhe vida
Meiguices do seu amor.

Quando a nuvem do infortunio
Chuva de prantos me arranca
Doce riso de seus labios
Minhas lagrimas estanca,
E a aurora do meu futuro
Brilha mais limpida e branca.

Nos corações dos monarchas
Ruja o monstro da ambição!
Accumule scéptro a sceptro,
Regendo-os com dura mão!
—Eu só quero os meus amores,
E esta lyra por brazão!



FRANCESCA DI RIMINI

(Dante — *Inferno* — Canto V.)

« A terra em que nasci nas costas jaz
Dos mares para onde o Pó se escôa,
Com os doces filhos, procurando paz.

Amor, que as almas ternas atraicôa,
Este do corpo fez a mim tirado
Captivo;—e o modo ainda me magôa.

Amor, 'que não dispensa algum amado
De amar, encheu-me de paixão tão forte
Que o trago, como vês, inda a meu lado.

Amor nos conduziu á mesma sorte:
Caïna já com penas infinitas
Espera o autor crucl de nossa morte. »

Isto ouvimos ás miseras afflictas;
E eu tendo a fronte curva algum momento,
O Guia interrogou-me: « Em que meditas? »

Respondi:—« Quanto doce pensamento,
Quanto desejo ardente e miserando
Arrastou-os ao triste passamento! »

E aqui, para os mesquinhos attentando:
—« Francesca, os trances teus tão dolorosos
Me estão, bem vêes, em lagrimas banhando.

Conta-me o como—anhelos duvidosos,
No tempo dos suspiros de ternura,
Pôde amor te excitar—de extranhos gozos. »

E ella a mim : « Não conheço desventura
Maior—que a quadra recordar feliz,
Sabe-o teu Mestre, —em dias de amargura.

Mas,—pois tanto desejas a raiz
Conhecer d'este amor que me deleita,
Dir-t'o-hei, como quem chorando o diz.

De Lancelotto, um dia, sem suspeita,
Nós liamos, a sós,—como o envolveu
O traiçoeiro amor na rêde estreita.

Muita vez nosso olhar se commoveu ;
Muita vez descorou-se o nosso rosto ;
—Um momento somente nos venceu.

Quando lemos com qué ineffavel gosto
Oscularam-se os dois.... no ardente ensejo
O que sempre estará junto a mim posto,

Tremulo a boca me fechou n'um beije:
Nem mais foi por diante n'este dia
Da leitura o suavissimo desejo. »

Emquanto ella taes vozes proferia,
Chorava o outro em tanto desconforto
Que meu ser de piedade se partia,
E cahi, qual baqueia um corpo morto.

UGOLINO

(Dante—*Inferno*—Canto XXXIII).

D'atra boca soltando o horrivel pasto,
Ao cabelo a enxugou, com ar feroz,
Do craneo que mordia, immundo e gasto.

« Queres, » diz, « que eu renove a dor atroz,
Cujo só miserando pensamento
Me arrocha o coração, me prende a voz.

Porém si o que eu disser fôr nascimento
Da negra infamia do traidor indino,
Fallarei com frenetico lamento.

Quem tu sejas, não sei ;—pelo argentino
Metál de tua voz doce e sonora,
Me parece que sejas florentino.

Eu o conde Ugolino fui outr'ora ;
Este aqui o arcebispo crú Rogeiro,
Cujo visinho sou e algoz agora.

Escusa te dizer que traiçoeiro
Colheu-me em seus enganos e obras más,
E deu-me o passamento derradeiro.

Mas, o que inda não sabes, ouvirás,
E ouvindo minha morte e sina dura,
Quanto fui offendido saberás.

Tem uma estreita aberta a torre escura,
Que inda muitos espera—e se chamou
Da Fome—pela minha desventura.

D'alli por varias vezes me mostrou
A lua o rosto seu, té que me achára
No somno que ao futuro os véos rasgou.

Este, caçando lobos, me depara
D'alma o olhar, junto aos montes altaneiros
Onde Piza de Lucca se separa.

Eis Galandi e Sismondi traíçoeiros,
E Lafranchi tambem d'elle na frente,
Com cães magros, famintos e ligeiros.

Lassos, depois de uma carreira ardente,
Vi um lobo e os filhinhos que fugiam
Rotos quasi dos cães no agudo dente.

Nisto d'aurora os raios se esparziam;
E ouvi que os filhos meus, dentro á prisão,
Dormindo, soluçando—pão!—pediam.

Ai! si já aqui não dóe-te o coração
Da proxima miseria ao pensamento,
Quando, ai! quando os teus olhos chorarão?

Despertos, anciosos, o momento,
—Medroso cada um do horrendo sonho,
Esperamos de vir-nos o alimento....

Em baixo a porta com rumor medonho
Ouvimos que muravam pouco e pouco,
—E eu mudo os filhos encarei tristonho....

Nem chorava, de dor rendido e louco!
Elles, sim. Meu Anselmo, o meu filhinho,
Pae, que olhar! exclamou n'um grito rouco.

Contive minhas lagrimas mesquinho,
Fui mudo o dia e a noite,— até que o sol
Começasse de novo o seu caminho.

Quando o primeiro raio do arrebol
Chegou-nos, e o meu proprio rosto vi
Dos rostos seus no pallido lençol....

Os proprios punhos com furor mordi!
E os miseros, julgando que era á fome,
Subito se erguem, me dizendo assim:

Poupa-nos, pae, a tua dôr sem nome!
Tu d'estas pobres carnes nos vestiste,
Das mesmas carnes que nos deste—come!

Pelos não magoar, calmei-me triste:
E um dia e outro mais—mudos jazendo,
Tu, ó barbara terra, não te abriste!

Mas quando o quarto dia foi rompendo,
Eis Gaddo me cahiu, bradando, aos pés :
—Soccorre-me tu, pae, que estou morrendo!

E o misero expirou!—e qual me vês,
Assim os vi do quarto ao sexto dia
Expirar cada um por sua vez.

Tres dias os palpei,—com voz sombria
Chamando-os um por um.... por fim venceu,
Maior que a dor, a fome que meurgia.... »

Disse, e não mais, e os olhos crús volveu;
E cravando no craneo os ferreos dentes
Os miseraveis ossos que mordeu
Crepitaram precipite, estridentes.

TRISTEZAS

É triste a flôr que descora,
Suspensa ao galho partido,
Queimada ao beijo incendiado
De rubro sol de verão ;
É triste a aurora de inverno
Que exparge um pallido dia,
Cingindo a fronte sombria
No crepe da cerração.

É triste a lagrima ardente
Cahindo na fria lousa
Onde a poeira repousa
D'aquelle que é morto já ;
Triste o gemido, o queixume,
Que em labio materno expira,
Que de saudade suspira
Do filho, que longe está.

É triste o barco perdido
Por longos mares errando,
Roto, sem rumo, boiando,
Prêa que a onda esgarrou ;
Triste o cadaver do nauta
Jogado em praia estrangeira,
Longe da plaga fagueira
Da terra que tanto amou.

É triste impresso n'arêa
O passo do caminheiro,
Que vira o sol derradeiro
No meio dos areiaes;
Tristes foram-lhe os gemidos,
Quando do oasis tão perto,
Sentiu morder-lhe o deserto
Nos frios restos mortaes.

E como tudo o que é triste
No céu, na terra e nos mares,
São tristes os meus scismares,
São tristes os sonhos meus;
É triste o meu pensamento,
E a dor que o peito me inunda,
Como a voz sentida e funda
De um eterno, extremo adeus.

E, si é triste a flôr que murcha,
Si é triste a lagrima ardente
Que de palpebra demente
Cae dos finados no chão,
Inda é mais triste minha alma,
Mais fundo meu sentimento,
Mais negro meu soffrimento,
Mais triste meu coração.

Sou triste, sim; que me importa
Das turbas o riso estulto,
Ou da alegria o tumulto
No passar das multidões?

O rumorejo das salas,
Os cantos, as vozes lêdas ?
Não despertam,—dormem quêdas
De meu peito as solidões !

Foi bem triste a minha aurora,
Triste será meu futuro,
Que o presente mal seguro
Leva-me incerto ao porvir:
Eu,—cheio da experiencia
Do meu passado tristonho,
Julgo tudo, tudo !—um sonho,
Que ha de falhar e mentir.

A gloria?—Creio-a vaidade!
Escarneo amargo!—poeira
Que de putrida caveira
Vôa do vento á friez ;
Que importa a voz do triumpho,
Que importa o louro virente,
Quando o peito já não sente
Da campa sob a mudez ?

E porque não serei triste ?...
Si é tudo na tērra um sonho....
Si tudo o abysmo medonho
Do nada sorve sem dó ?
Que deixa do homem na terra
Da morte o grande mysterio ?
—N'um canto do cemiterio
Deixa um punhado de pó!



NÃO CHORES

Virgem de meigos encantos
Que entre prantos—me sorriste,
Ah! poupa, poupa os teus prantos,
Não chores porque sou triste,
Virgem de meigos encantos.

Si a vida vae-me sombria,
Si a crença esfria—e me dóe,
—Porque acerbar-me a agonia,
Si o desespero me róe,
Si a vida vae-me sombria?

Oh! risos da mocidade,
Edade de um rir sem fim,
Voltae, matae-me a saudade!
—Porque deixastes-me assim,
Oh! risos da mocidade?

Porque? porque não voltaes?
Com a chuva viceja a selva,
Com os prantos vós não tornaes!
Como ao prado volta a relva,
Porque,—porque não voltaes?

Quem tantos sonhos tivera,
Tanta illusão lhe mentira!
Nos risos da primavera
Nem uma vez se sorrira
Quem tantos sonhos tivera.

É triste o meu pensamento
Como o vento—no arvoredos;
Como o soluço do argento
Salgado—ao pé do penedo,
É triste o meu pensamento.

Quando descamba no mar,
—Ou quer em trevas se acoite,
Quer a clareie o luar—,
Eu sou triste como a noite
Quando descamba no mar.

Minh'alma tombando vae
Da morte na escura treva;
Aqui se eleva,—alem cahe;
Como a flor que o vento leva
Minh'alma tombando vae.

Na solidão que a rodeia
A pobre anceia—e suspira;
Veneno de veia em veia
Me corre, e a mente delira
Na solidão que a rodeia.

Vae-me a tristeza levando,
Como a brisa a flôr madura
No caule esfolha passando;
Ao seio da sepultura
Vae-me a tristeza levando.

Si já não tenho esperança,
Si a trança d'ouro da vida,
Qual brinco em mão de creança,
Vi de repente partida....
Si já não tenho esperança....

Virgem de meigos encantos,
Que entre prantos—me sorriste,
Ah! poupa, poupa os teus prantos!
Não chores porque sou triste,
Virgem de meigos encantos!

Deixa que eu pene sosinho;
Não te afflijam minhas dores.
Rindo—passa o teu caminho;
Piza a alcatifa de flôres,
Deixa que eu pene sosinho.

Quando na tumba eu dormir,
Dos olhos perdida a luz,
Tu então virás carpir
Saudades ao pé da cruz,
Quando na tumba eu dormir.



POBRE FLOR

L'homme, perdant sa chimère,
 Se demande avec douleur
 Quelle est la plus éphémère,
 De la vie ou de la fleur ?
 (MILLEVOIE)

Je vais où va toute chose,
 Où va la feuille de rose
 Et la feuille du laurier.
 (ARNAULD)

Pobre flôr! eis-te esfolhada,
 Rolando no pó da estrada,
 Da estrada no pó dormindo ;
 Calca-te as folhas sem cheiro
 Pé descuidoso e ligeiro
 D'indolente caminheiro,
 Que passa cantando e rindo.

E tu já foste formosa !
 E a primavera amorosa
 Cercou-te o berço de luz !
 Deram-te as foites seus lumes,
 E ao calor de teus perfumes
 Travaram guerra os ciumes
 Das borboletas azues!

No teu calice doirado
 Quanto orvalho gotejado
 Das nuvens loucas d'amor!

Dos luares, quantos beijos,
Das brisas, quantos bafejos,
Dos astros, quantos lampejos
Deram-te gala e verdor!

Hoje, porém, sem carinhos
Rolas no pó dos caminhos,
Sem côr, sem viço, sem luz,
— Como rola empoeirado,
Feio craneo, abandonado
No chão da morte — esgarrado,
Pôdre, sem campa, sem cruz!

Flôr, igual fado me espera....
Si, passada a primavera,
Tombaste murcha no chão,
Eu sou a flôr que esvoaça
Solta ao vento da desgraça,
E cada instante que passa
Me desfaz uma illusão.

Preso n'aurora, a teu galho,
Tiveste affagos do orvalho,
— Eu tive os risos do amor;
Si rolas no pó da estrada
Eu rolo á campa gelada,
Bem como a espiga ceifada
Cae na mão do segador.

FOI BREVE AQUELLE INSTANTE

Foi breve aquelle instante!—Fugitivo
Passou—como na onda azul d'um lago
Sombra ligeira de purpurea nuvem ;
Como o albor da manhã por céu d'estio,
Quando a aurora, agitando as azas loiras,
Do dia no clarão se embebe ardente.

Foi breve como um riso de alegria
No labio do que soffre;—como o pranto
Suffocado em prazer;—mas nesse instante
Tanta ventura me sorriu no peito,
Dentro pulsou-me o coração tão cheio,
Que fôra mais gozar—morrer d'amores.

Lingua humana impotente! Que eu não possa
Em sons de flôres traduzir o enlevo
De momentos assim! Fôra delirio!
Quem ha que de os sentir se lhe não gele
A voz no labio,—o coração não trema,
Nem lagrimas os olhos lhe humedeçam?

Amar, viver d'amor, morrer d'amores,
Deixar correr a vida em mar de sonhos....
Mas, não! eu não sonhei!—É certo ao menos

Que estiveste a meu lado ;—inda respiro
Teu halito fragrante,—inda em meu braço
Sinto a doce pressão do morno seio.

Era noite,—e no céu brilhavam vivas
As estrellas,—em arco a lua pallida
Parecia dormir,—mudo era o vento ;
As verdes folhas do arvoredó—immovéis ;
De frautas em distancia os sons gemiam,
E do mar o rumor tãava ao longe.

Eu e tu, ambos nós, tão perto o mundo,
E d'elle nós tão longe! A sombra—frouxo
Véo de mysterio derramava em torno ;
Jámais tão pura estremeceu minha alma
De ver-te tão formosa, nem tão doce
Te aspirei a harmonia á voz celeste!

Tu não disseste: Eu te amo ! nem meus labios
Ousavam murmurar.... Tambem do espaço
Do mar á placidez não falla a nuvem,
Mas namorada se lhe estampa ao fundo,
E muita vez em lagrimas cahindo,
Desfaz-se á flôr do mar em gottas d'oiro.

Tu não disseste—Eu te amo.—Emtanto amores
Murmurava-te a voz ;—as desventuras
De Lawrence infeliz e o fado negro
De Jocelyn miserrimo carpimos,
Suffocando talvez no intimo d'alma
Profundas magoas de um amor mais triste.

Que importa?—Fui na vida venturoso
Um momento sequer,—rápido embora
Como nas trevas o fulgor de um raio:
Tanta ledice me sorriu,—e o peito
Tão cheio me pulsou naquelle instante
Que de lebral-o sou feliz ainda.

LAGRIMAS DIVINAS

Muita vez—disparando á lei do acaso
Setta veloz o indio descuidoso,
Vae esta se cravar, rompendo os favos,
Em colmeia que mora em tronco annoso;

E, como sangue de ferida aberta
No coração, em onda perfumada,
Um doce e puro mel manando corre
E o veneno destróe da ponta hervada.

Tambem fostes assim, meus pobres cantos!
Do arto da vida settas peregrinas
Disparadas além—tambem tivestes
De pios olhos lagrimas divinas.—

Divinas, sim! que me lavaram d'alma
A nodoa da descrença envenenada,
Como o mel que manou do tronco annoso
Negra morte extrahiu da setta hervada.

1876



O CANTO E A FOLHA

Suave endecha encontrada
Na vaga aerea soidão
Com verde folha arrastada
Pela mesma viração,

Perguntou-lhe: Folha bella,
Que fazes pela amplidão?
— E onde vaes,—lhe torna aquella,
Dos ventos no turbilhão?

Responde o canto: Partido
De lýra do coração,
Nos ares vago perdido,
Perdido suspiro em vão.

Torna-lhe a folha: Cahida
De verde galho no chão
Fui de repente colhida
Dos ventos pela traição.

Leva-nos ares em fóra
A mesma invisivel mão,
Que deu-me o orvalho d'aurora,
E deu-te o do coração.

Fria brisa que me arrasta
De seu capricho á feição,
Tambem das cordas afasta
A filha da inspiração.

E emquanto em rama viçosa
Novas folhas brotarão,
E em lyra branda e mimosa
Ledos sons de outra canção,

Tu d'echo em echo te enleias,
Eu de tufão em tufão;
Eu seccarei nas areias,
— Tu morrerás n'amplidão.

SETTA E CANTO

(LONGFELLOW)

Soltei aos ares rapida setta ;
Cahiu,—mas onde, não sei dizer ;
Partiu tão célere que os seus vestigios
Seguir não pude, nem pude ver.

Soltei plangente sentido canto,
D'interna lyra grato gemer ;
O som queixoso perdeu-se ao longe,
Mas não sei onde—foi se perder.

Achei a setta no duro tronco
D'um roble,—intacta, inda a tremer ;
Achei meu canto n'um seio amigo,
Onde perfeito foi se embeber.

1876



FOGE, MINHA ALMA

Suspende, minha alma, o vôo
Dos infinitos á plaga,
Sacode o pó, que te esmaga,
Das tuas pennas azues !
Rompe o circulo da vida,
Dorme de Deus no regaço,
—Na luz eterna do espaço,
No espaço da eterna luz.

Foge, fuge, é tempo ainda !
Tua brilhante plumagem
Não se afundou na voragem
Onde blasphema o descrer ;
Tua essencia fulgurante,
Que o pó terreno comprime,
Na immensidade sublime
—Sublime se hade perder.

Porque tu passas na terra
Bem como um sopro, que corre,
E canta, e murmura, e morre
Sem desfolhar um botão ;

Como a corda maviosa
Que range, estala, e suspira
No coração de uma lyra,
—Na lyra do coração.

Na vida irás como a sombra
De alguma andorinha errante,
Que treme um rapido instante
N'areia,—e foge a passar:
Nivea côr de vela incerta,
No horisonte se esvaindo,
—N'amplidão do mar infindo,
Na infinda amplidão do mar.

Serás, oh! sim, como o traço
Que o barco rasgou na vaga,
Que se fecha, que se apaga
Na espuma que sóbe em flôr;
Branda ruga em manso lago,
Si na face lhe deslisa
Leve rumor de uma brisa,
—Leve brisa sem rumor.

Passarás como um perfume
Celeste, puro, divino,
Ou como a nota de um hymno
Do côro dos seraphins;
Ou como um beijo materno
Por entre os cabellos d'oiro
Do filho candido e loiro
—Do loiro dos cherubins.

Vôa, que és livre!—E tu gemes
Ao mundo presa no emtanto!
Meu Deus! o peso do pranto
Verga-lhe as azas gentis!
Nem póde n'ellas ter força,
—Que a triste prende a esperança
De quanto amou,—a lembrança
De quanto na terra quiz.

Mas, como á vinda do inverno,
Da tribu das borboletas
Repousam larvas quietas
No lodo vil dos paúes,
Tu serás, quando a poeira
Das pennas te houver cahido,
—Na terra—um canto sentido,
Nos céos—um raio de luz.

ADEUS

Remind me not, remind me not,
Of those beloved, those vanished hours,
When all my soul was given to thee;
Hours that may never be forgot,
Till time unnerves our vital powers,
And thou and I shall cease to be.

(BYRON).

Anjo do meu amor, porque choravas
N'angustia da suprema despedida?
Quando com doce labio soluçavas
O teu ultimo adeus,—na voz sumida,
Anjo do meu amor,—porque choravas?

Tambem eu derramei sentido pranto
Na grinalda d'amor que emmurchecia :
Qual solta a rola esmorecido canto
Á luz final, de merencorio dia,
Tambem eu derramei sentido pranto.

Feneceu minha ultima esperança
Partida pela mão da sorte aversa,
Que por dar-me a descrença em vão se cansa;
No adeus que soluçaste em pranto immersa
Feneceu minha ultima esperança.

Rota a illusão do derradeiro sonho,
É magoa ao sonhador do dia o lume,
Torvo espectro—o descrer, lhe ri medonho;
Da flôr da vida extingue-se o perfume,
Rota a illusão do derradeiro sonho.

Como flôr sobre um tumulto esquecida,
Onde o morto descansa socegado,
A primeira illusão da minha vida
Nas cinzas dormirá do meu passado,
Como flôr sobre um tumulto esquecida ?...

Não te esqueças de mim, ó sensitiva,
Luz de minha alma, candida donzella ;
Quando dos teus cabellos a captiva
Brisa—rolar-t'os pela fronte bella,
Não te esqueças de mim, ó sensitiva.

Á noite, pelas horas da saudade,
Quando o luar de nuvens se rodeia,
Não te esqueças de quem na soledade
Por ti chora, suspira, geme, arceia,
Á noite, pelas horas da saudade....

Não te esqueças de meu amor insano,
Aninha-o em tua alma, sensitiva ;
Quando gemer plangente o teu piano
Queixas de Tasso a Leonor esquiva,
Não te esqueças do meu amor insano.

Anjo do meu amor, adeus, querida !
Si da morte eu dormir no leito frio,
Não te esqueças de quem te amou na vida;
Corre-me o pranto pela face em fio....
Anjo do meu amor,—adeus, querida !

Maranhão—1874

Multos castra juvant, et lituo tubæ
Permistus sonitus, bella, ue matribus
Detestata. . . .

(HORACIO—ODES).

I

Cantem outros na tuba clangorosa
A guerra e seus furores;
Eu só tenho na lyra maviosa
A corda dos amores.
Os feros peitos dos heroes de Marte
Respirando vingança
Não terão meu louvor,—nem bronzeo escudo,
Nem tinta em sangue a lança.
Nem o terão as turbidas matilhas
De famintos mastins,
Que circulam, ganindo, as lautas mesas
Dos imperiaes festins.
Pois a mim que me importam reis da terra,
E a purpura brilhante,
Onde os labios enxuga á orgia immunda
De vicios gotejante?
O oiro amassado com o suor do pobre
E o pranto da viuva,
Talvez de sangue e lagrimas lhes molhe
A maciez da luva.
Talvez lhes passe no sonhar das noites
O espectro popular,

Tiritando de frio, e de miserias
Raivoso a soluçar,
Olhos acesos no furor da fome,
Frontes iradas, feias,
Rir desvairado, retintim medonho
D'estridulas cadeias.
Não, rei soberbo, não terás meu canto,
Nem tu, vil cortezão,
Alma de lodo, que rasteiro o adulas
E o vendes á traição.
Nem tu, velho decrepito e terrível,
Jesuita immoral,
Que tentas mergulhar o altar de Christo
No sangue universal.
Porque se fartem ambições e vícios,
E ao Vaticano o jogo,
Pretendes pôr a consciencia a ferros
E a humanidade a fogo.
Altar e throno, de uma vez uni-vos,
Dignos um do outro sois!
Sêde amigos fieis, beijae-vos ambos,
E mordei-vos depois.
Quebrae-vos n'esse abraço estremecido
D'amor, de amor sem fim,
E d'extremo infernal rompei-vos ambos.
Isso que importa a mim?
Esmagae-vos n'arena. Um dia o carro
Da Liberdade ovante
As vossas fronteas calcará no lodo
Com a roda fumegante.

E o leão popular, sangrento, iroso,
Ebrio, livre, rugindo,
Erguida a juba, as garras afiadas
De rubro se tingindo,
Lançará sobre vós a pata enorme,
E farta a sede, e a ira,
Quebrará vossos sceptros amassados
De torpeza e mentira.

II

Cantem outros na tuba clangorosa
A guerra e seus furores ;
Eu só tenho na lyra maviosa
A corda dos amores.
De amores cantarei por ti, querida,
Anjo dos sonhos meus ;
Tu, só tu, me prendeste!—nem cadeias
Ha como os olhos teus.
Eu te ergui na minha alma um throno santo,
E na tua um altar;
—Esses, o altar e o throno que eu adoro,
E não n'outro lugar,
Porque d'essa união brotam bem puros
O amor e a virtude;
Recende aroma d'innocencia o templo
Em toda a plenitude.
Eu do teu peito fiz meu sanctuario
E minha luz primeira,
Purifiquei me ao fogo de tua alma
Banhando a minha inteira.

Em ti eu resumi os meus cuidados,
 Todas as affeições ;
Nem tenho um só desejo que não seja
 Dos nossos corações.
A gloria resumi n'um teu sorriso,
 Meus sonhos n'essa flôr
Que se abre no teu peito; n'ella—crenças,
 Patria—no teu amor.
Porque tu me escutaste em meu deserto,
 Quando eu passava só
No meu caminho triste, e do meu rosto
 Limpaste o negro pó.
Tu me indicaste o trilho verdadeiro,
 Quando eu seguia a senda
Do abysmo do erro,—e de meus olhos cegos
 Rasgaste a escura venda.
Ah! não, Laura formosa, de Petrarcha
 Eterna inspiração,
Nem a divina Beatriz de Dante
 Tinham teu coração.
Nas abrazadas cordas palpitantes
 Das lyras immortaes,
Ambos trajaram de uma e de outra as fórmãs
 Com vestes ideaes.
Hardidos vates, d'ellas sublimaram
 A fama aos céos visinha :
É só, e nada mais.—No sentimento,
 Tu és mais que rainha.



NA PRIMEIRA PAGINA DO ALBUM

DE

D. M. G. L. A.

Trovadores, que passaes
Da vida pela romagem,
Suspendei vossa viagem
Á porta d'este sacrario;
Gravai aqui vosso nome,
Como lembrança bemdita
Nas brancas faces escripta
Das pedras do sanctuario.

Afinae das vossas lyras
As notas apaixonadas,
E das cordas, abrazadas
Ao fogo da inspiração,
Deixae correr,—na torrente
Das harmonias dos cantos,
Os pensamentos mais santos,
—Perfumes do coração.

E das vossas romarias
Numerae as maravilhas,
Dos vossos sonhos as filhas,
Risonhas fadas do ar,
Loiras miragens desfeitas,
Pela estrada dos amores,
N'algum aroma de flôres,
Nos raios d'algum luar.

Contae aquellas historias
Das donzellas namoradas
Adormecidas por fadas,
Ciosas de seus amores:
A divindade do templo
Ama esses contos singelos,
Gosta de ouvil-os, mais bellos
Na lyra dos trovadores.

Dizei d'uns olhos que vistes
Os langues, vividos lumes,
Lembrae os frescos perfumes
Das auras que vem do sul,
Das nuvens rôxas do occaso,
Da noite, plácida e muda,
Da lua casta e sizuda,
Dos astros do céu azul.

Mas n'este santo recinto,
Nenhuma voz se profira
Menos pura—nem da lyra
Trave aqui profana mão;

Mas seja,—em cada harmonia,
Cada nota—um grito d'alma,
Cada palavra—uma palma,
Cada verso—uma oração.

VESPER

(A. DE MUSSET)

No album de D. E. L. L. A.

Pallida estrella da tarde,
Por céos longinquos perdida,
Cuja fronte enrubecida
Do poente rasga os véos,
Dize,—que avista no prado
Teu vago olhar somnolento,
Cahindo do firmamento,
— Dos paços azúes dos céos?

Calmou-se tormenta e vento;
E a floresta murmurante
Derrama orvalho rorante
Nas plantas murchas do chão;
Loiros insectos ligeiros
Pelas floridas campinas,
D'entre as moitas de boninas,
Rutilam na escuridão.

Que vês na terra dormente?...
Mas já por traz das montanhas
Vejo a luz de que te banhas
Docemente vacillar ;
Emquanto, ó pallida amiga,
Tu foges na ethérea plaga,
N'ella, sorrindo, se apaga
Teu melancholico olhar.

Formosa estrella que desces
Por sobre a verde collina,
Triste lagrima argentina
Da noite no manto frio,
Alvo do olhar da pastora
Que vem da serra cantando,
Emquanto a segue balando
Seu pedio armento tardio,

Ah! por essa noite immensa,
Que buscas, luz feiticeira?
— Fresco leite, d'agua á beira,
Onde te possas dormir?
— Ou nas horas do silencio
No vasto seio dos mares,
— Perola solta dos ares,
Vaes de repente cahir?

Si deves morrer tão cedo....
Si hão de afundar-se nos mares
Teus merencorios luars,
E os loiros cabellos teus,

Astro do amor, ah ! detem-te !
Teu curso leve suspende !
No azul do espaço te prende !
Não desças, nunca, dos céos ?

UMA LAGRIMA SÓ

(Byron — *The Corsair* — Canto I)

Vive-me d'alma no lugar mais fundo,
Solitario, escondido á luz e ao mundo,
Melindroso segredo, que é só meu;
Oh! deves de o sentir, quando medroso
Meu coração, tremendo silencioso,
Docemente palpita ao pé do teu.

Dentro—clarão de veladora chamma
De lampada funerea se derrama:
— Sinto que a luz já tremula vacilla;
O vivido fulgor que teve outr'ora,
Duvida negra!—bruxoleie embora:
— Eu bem sei que não podes ~~extinguil-a.~~

Não te esqueças de mim!—Quando por perto
Passares de meu tumulo deserto....
Deserto das saudades deste mundo,
Vota-me uma lembrança!—O inerte peito
Talvez soluce de prazer no leito
Frio,—gelado no sepulchro fundo.

Dá-me, oh! dá-me siquer um pensamento
No horror da campa!—é o unico tormento
Que não posso soffrer!—a só tortura
Cuja lembrança me acabrunha e anceia!
Nada póde affazer-me á negra idéa
De que me has de esquecer na sepultura!

Quando escutares meu arranco extremo,
Quando o agonia do arquejar supremo
No triste coração a voz me corte,
Dos meus olhos lerás na luz serena
Que uma dôr que a virtude não condemna,
Sómente poude me arrastar á morte.

Concede então á minha cinza fria
O que sempre na vida eu te pedia,
Como piedoso e ultimo favor:
— Uma lagrima só! a derradeira....
A recompensa unica.... a primeira
Do meu fatal e mallogrado amor.



PAGINA ESCURA

Molha-te ainda a palpebra sombria
Uma gotta do pranto d'agonia,
Que tremula rolou,
E humida esfria o setinoso leito
A espuma esverdeada que teu peito
Aos labios arrojou.

Os compridos anneis de teus cabellos
Dispersos rolam turbidos novellos
Pendidos para o chão,
E na livida boca, meio aberta,
Como que vaga, murmurando incerta,
A voz de, uma oração.

E eu te apertei ao coração partido,
Escutando o teu ul'imo gemido
Convulsivo, expirante;
Velador de teu leito solitario,
Te vi passar do thalamo ao sudario
N'um grito agonisante.

Eis-te morta, bem morta! Desbotou-se
Do rosto a côr, e o lume vivo e doce
 Dos olhos se extinguiu;
Flôr que a brisa esfolhou, que o vento leva,
Raio de luz que fulgurou na treva,
 Morreu, nem mais fulgiu.

Estrella, que sorriste em céu nubloso,
Porque te escondes, astro luminoso,
 No escuro firmamento?
Porque embuças a fronte radiosa,
Nessa torre de nuvens tenebrosa
 Batida pelo vento?

És morta, sim! De horrenda sepultura
Teu corpo tombará na noite escura
 Em sanie e podridão;
Sobre a nuez das carnes setinosas
Hostes de vermes, soffregas, raivosas,
 A fome cevarão.

E os labios, onde a sêde dos desejos
Fartára amor,—inda humidos de beijos,
 Talvez—inda febris,
Breve rião com risos do caveira
Involta em negra e putrida poeira,
 — Restos, ossadas vis.

E um dia enchada de coveiro estranho,
Despido de cabellos o teu craneo
 Revolverá do chão,

E os miserandos restos despresados
Os deixará n'um canto abandonados,
Sem dôr de coração.

E comtudo tu foste bella e altiva,
E muita alma cahiu-te aos pés—captiva
Supplicando-te amor....

Oh! Deus! porque fizeste a formosura,
Si ella deve acabar na treva impura,
Desfeita em lodo?—Horror!

Dormem igualmente a candida virtude,
A hypocrisia torpe, o vicio rude,
Sob a funerea lousa;

A virgem casta ao pé do crapuloso
Libertino!—e em consorcio monstruoso
O bem com o mal repousa.

Porém, si o doce aroma da innocencia
Se exhala aos céos, gratissimo na essencia,
Ao ser do Creador,

Porque não sóbe aos céos a formosura
Desfeita no fulgôr da luz mais pura,
— Grata essencia d'amor?

Talvez.... quem sabe? o teu olhar brilhante
Vá se embeber n'alguma estrella errante
Que em céo longiquo mora,

E a maciez da cutis peregrina
Rosea se involva em nuvem purpurina,
Ou n'um riso d'aurora.

NO ALBUM DE D. A. L. A.

(NO DIA EM QUE FEZ DOZE ANNOS)

Na leda quadra da infancia,
— No coração da menina
Ha uma fibra divina
Que falla em sonhos do céu;
Como que n'alma lhe mora
Um pensamento celeste,
Que se enfeita, que se veste
De branco, mystico véo.

Como as estrellas sorrindo
Sob um céu de finas côres,
Por um caminho de flôres
Seus pés deslizam subtis,
E a phantasia ligeira,
Que docilmente fulgura,
Risonhos quadros lhe apura
Na facil senda feliz.

Vão de seus dias serenos
A luz e as sombras em jogo,
Projectadas pelo fogo
Que lhe ri no coração;

A seda e a lã de seus annos,
Tecidas por mãos de fadas,
Rutilam, brilham tocadas
Por encantado condão.

Sobre um manto de luares
Borda agora um pensamento
Que desfaz n'outro momento,
Por um capricho infantil ;
São seus desejos incertos,
Indefinidos e vagos,
— Como o sussurro dos lagos
Branços de flôres d'abril.

Si ás vezes uma tristeza,
Que dôr não é, nem é magoa,
Roreja-lhe os olhos d'agua,
Dos lábios lhe apaga o rir,
— Sonha um folguedo... a alegria
De novo as faces lhe tinge!
— Tal o botão se constringe
Para melhor se expandir.

É assim que as bôrboletas,
— As lindas flôres afadas,
Sentem as azas geladas
Por fria brisa do sul ;
Mas quando aos raios solares
De novo as azas se aquecem,
Da terra outra vez se esquecem,
Para immergir-se no azul.

Assim, o sol de teus dias
Dos annos te espanca a treva,
E tua alma ao céo se eleva
Como um perfume de flôr,
Que sobe ao romper d'aurora,
Cheio do canto das aves,
Rolando em ondas suaves,
Ao throno do Creador.

Vai, descuidada e innocente,
Por tua senda, criança;
Seguindo a loira esperança
Que te ri no teu scismar,
Embalada pelo canto
De tua alma harmoniosa,
Como uma concha mimosa
Pelos suspiros do mar.

Vai descuidosa, levada,
Pelo accento que murmura
Vibrado em tua alma pura
Pela mão do Creador,
— Candida e terna harmonia,
Que por ~~o~~ peito esvoaça,
Melhor que rimas sem graça
De terreno trovador.

30 de Maio de 1876



NUVENS E ILLUSÕES

I

Vae do occaso nos véos multicores,
Seus ardores o sol apagar,
Banha em fogo o purpureo horisonte,
Rubra fronte immergindo no mar.

Como virgem que a roupa de neve
Deixa ao leve dos hombros cahir,
Vem das noites o astro surgindo,
Diffundindo suave luzir.

Todo o céo é azul... Ah! sómente,
Docemente embalado no espaço,
Qual criança innocente sonhando,
Dormitando em materno regaço,

Alvo ponto no immenso deserto
Vaga incerto, deslisa subtil,
Como franja de um berço de fada,
Pendurada do leito d'anil.

Onde vaes? onde vaes, solitario?
Que fadario te obriga a vagar?
D'algum genio és o barco perdido,
Esquecido nas ondas do ar?

Branca nuvem que passas tristonha,
Não poderas risonha—surgir?
Só do triste o sorrir te foi dado,
E esse fado só deves cumprir?

Ah! tão só!—Eu de magoas captivo
Tambem vivo na terra, onde sou
Como o tronco exaurido de seiva,
Preso á leiva que o sol abrazou.

Quem és tu, branca nuvem dos ares,
Dos luares banhada ao clarão?
— Talvez anjo com azas de opála,
Que resvala n'aerea amplidão!

Não escutas nos céos agitados
Roucos brados de horrenda procella?
— E tu dormes do turbido espaço
No regaço—mais pallida e bella!

Tu não sentes que a lua assustada
Descorada já treme nos céos,
E que o rosto gentil annuvia
Da tormenta bravia—nos véos?

II

Bem que o sabes, e sentes, e escutas!
Mas destino fatal te conduz
Da tormenta a quebrar-te nas lutas,
A romper-te dos raios na luz.

Deve assim nos fugir a esperança,
Deve a fé,—ha de a crença fugir,
Quando a duvida escura se lança
Negrejando no céu do porvir.

E se apaga a illusão mais querida,
E desfazem-se os sonhos em pó,
E se alastra o caminho da vida
De afflicções, e miserias, e dó!

Quando o vento quedou-se na plaga
Infinita,—e a tormenta cessou,
Outra nuvem nos ares divaga,
— Não aquella que ha pouco brilhou.

E tambem, si nos morre em nossa alma
Illusão affagada e querida,
Quando a dôr de perdel-a se acalma,
Outra surge na tela da vida.

Porque em aguas a nuvem se esgota,
E a illusão toda em prantos morreu,
— Si do pranto outro sonho nos brota,
Outra nuvem das aguas nasceu.

É a nuvem chimera encantada
Que os amores dos anjos encerra,
— Illusão — é a nuvem doirada
De um amor de poeta na terra.

AMOR

Nas horas longas, em que muda a noite
Rola embalada no celeste alvor,
Quem é que um raio de luar furtivo,
Por entre as ramas resvalando esquivo,
Prende captivo
Ao collo morno de mimosa flôr?
Amor ! amor ! amor !

E á madrugada, quando os genios pairam
Das pardas nevoas no subtil vapor,
— Movendo as dobras do gelado manto,
Que terno pranto
Vertem dos olhos?—que sentido canto
Sôa em redor?
De amor ! de amor ! de amor !

Quem é que os labios da innocencia fecha
Com rubro sello de infantil pudor,
Quando a alma pura—de paixão descóra,
Que o peito rala e coração devora
Com tanto ardor?
Que diz o olhar que melindroso chora
Humida luz de esmorecida côr ?
Amor ! amor ! amor !

E quando uns olhos virginaes se orvalham
De brandos lumes,—de ideal fulgor,—
E vae outra alma se enredar na teia
Da luz etherea que em seu rosto ondeia,
O que roseia
D'ambos as faces de gentil rubor?
Amor! amor! amor!

Si os labios d'ambos não descerram vozes,
Presos do arroubo do primeiro ardor,
Quem diz a chamma que seu peito rala,
D'olhares mudos na inaudivel falla,
Sem um rumor?
Quem tudo explica quanto o labio cala,
Como entre os raios do luar e a flôr?
Amor! amor! amor!



ADESSO E SEMPRE

Rutila do oriente a meiga filha
 Por nacarados céos, em noites claras,
 Balouçada entre nuvens transparentes ;
 E eu a fito calado e pensativo,
 Nos vapores que espiram-lhe d'entorno
 Lendo o teu nome em circulos doirados.

A noite é linda. Á flôr das aguas loiras
 Brinca o luar na tremula ardentia ;
 Assim, nem menos limpido e suave
 Brilha teu puro olhar, nos seios d'alma
 Gotas de luz vertendo-me,—mais vivas
 No tremor d'esse mar d'amor sem termo.

Molle rolando prateiada esteira
 Alva deslisa á flor do mar boiando ;
 E a phantasia, que me leva presa,
 De vél-a—scisma no pallôr macio
 Dos seios teus—que delirou mais niveos
 Que as areias que o mar na praia enrola.

Turbido erguido um nevocero espesso
 N'um grupo se ajuntou,—do plaino ethereo
 N'um ponto só,—depois em bastas ondas

A face do luar cobriu de negro ;
Assim, subito soltos, — teus cabellos
Negreram-te dos hombros desparzidos.

Escurece um momento. A nuvem foge
E desvenda por fim o rosto amigo
Do astro sereno, que de novo brilha,
Por ventura mais bello : assim n'um gesto
Turvas minha alma, e n'outro gesto acclaras
O viver por te amar que me é tão doce.

O vento frouxamente murmurando
Perfumes festivaes da noite espalha
No mar, no céo, no ambiente,—e mavioso
Sussurra ao tom das aguas;—e eu pergunto
Ao céo, ao mar, á onda—o que ha mais bello,
Mais perfumado que o teu doce nome.

Corre-me a vida assim, sempre affagado
Pelo accento suave de teu nome,
Buscando-lhe a expressão, e sempre, em tudo
Quanto ha de bello, e grande, e puro e eterno:
Para exprimir-lhe a musica não bastam
Harmonias da terra.

Corre-me a vida assim, sempre a teu lado ;
Nem tem a ausencia força de apartar-me
De ti, porque é só teu meu pensamento ;
Sempre estou onde estás ;—onde te fôres
Comtigo irei, seguindo-te bem como
A sombra segue o corpo.

Não me esqueças também! Quando meu peito
Torpor da morte regelar na campa,
Á triste sombra de cypreste escuro
Si vieres carpir de mim saudades,
Chorar o que já foi,— talvez escutes
Murmurando o teu nome as folhas murchas.

Deixa correr teu pranto sobre a lousa
Merencoria,—onde flôres da esperança
Terão bem cedo fenecido;— a lagrima
Que um verdadeiro amor arranca ao seio
Que na terra se amou, tem mais doçura
Que os gozos incompletos da existencia.

Deixa-o correr e resfriar-me os ossos,
Lavar-me o coração desfeito e mudo;
Talvez de novo se ajuntando as fibras
Um momento siquer se agitem ledas,
E tremam de prazer,— cantando um hymno,
Transumpto de conforto e de saudade.



I N N O C E N C I A

NO ALBUM DE D. E. L. A.

Pouco e pouco, noite e dia
 Mais viva flôr de poesia
 Do rosto lhe tinge a côr;
 E um anjo nos meigos sonhos
 De seu peito na dormencia
 Derrama o odor da innocencia,
 Um doce raio d'amor.

G. DIAS.

Anjo que passas na terra
 Com pennas de rubra luz,
 Criança!—sentes saudades,
 D'esses' espaços azues?
 Não temes manchar as azas
 No lodo vil dos paúes,
 Anjo que passas na terra
 Com pennas de rubra luz?

Ouve, criança. Uma flôr
 Desponta pura e gentil,
 Na leiva toda esperanza
 D'um coração juvenil;
 Mimosa flôr perfumada,
 Vaidosa do seu abril,
 Ouve, criança, em tua alma
 Desponta pura e gentil.

Emquanto as fundas raizes
Se entranham no coração,
Orvalho d'alma alimenta
Seu melindroso botão,
Que treme incerto nos beijos
D'alguma occulta affeição ;
—E as fundas, alvas raizes
Se entranham no coração.

Flôr da manhan da existencia,
Rejeita os raios do sol,
E das cortantes neblinas
Se esconde ao frio lençol ;
Receia os clarões d'aurora,
Teme o tardio arrebol,
E flôr da manhan da vida,
Rejeita os raios do sol.

É por isso que a florinha,
Medrosa, branca e gentil,
Vae se esconder nos mysterios
D'um coração juvenil ;
N'aquella noite sem sombras,
Vinga ~~o~~ botão senhoril, e
Alli crescendo e viçando
Vaidoso do seu abril.

Vaidoso e occulto ;—pois sente,
Que um sopro o póde esfolhar,
Que um raio de sol mais vivo
Póde-lhe a côr desbotar ;

Teme o bafejo da brisa,
Só ama o interno luar;
Vaidoso e occulto;—pois sente
Que um sopro o póde esfolhar.

É mais alvo que a magnolia
Abrindo a nivea maçan,
E tem as côres d'aurora
Por céos de clara manhan;
Sendo irmão da violeta
Candida, esquiva e louçan,
Desprende gratos perfumes,
Inda mais que sua irman.

Chama-se a flôr—innocencia
Que em alma virgem nasceu,
Humus santo, onde nem sopro
De paixões passou, correu,
Claro lago onde se estampa
Pura luz d'interno céo,
Céo mimoso, onde nem raio
De uma estrella esmoreceu.

Chama-se a flôr—innocencia,
Chama-se a planta—esperança,
Verde, verde, como o prado
Que de verde a vista cansa;
Das ramas pendem-lhe os sonhos,
Ledos sonhos da criança,
Que dorme, a noite, affagada
Por um canto de esperança.

Nunca te murche uma crença,
Nem te falte d'alma a flôr,
Nem lhe creste uma só folha
Falso rir de ingrato amor ;
Conserve o arbusto viçoso
Sempre eterna a verde côr ;
Nunca lhe caia uma folha,
Nunca lhe falte uma flôr.

Sejam teus sonhos suaves,
Seja doce o teu sonhar,
E em cada labio sorrisos
Vejas no teu acordar,
E quando ao termo chegares
Do teu mimoso scismar,
Possas vêr realizado
Tudo o que viste a sonhar.

Porém, si te hade nas pennas,
Nas pennas de rubra luz,
Cahir siquer uma gota
Da lama d'estes paúes,
Criança!—foge da terra
Para os ~~paços~~ paços azues,
D'onde baixaste formosa,
Com pennas de rubra luz!



Tua mão

Oh! dá-me tua mão! Quero apertal-a
Sobre meu coração convulso, ardente,
Sentir-lhe as pulsações das veias rubras,
Intumecidas de abrazado sangue,
Suffocal-a de affagos, de caricias,
Quebral-a de languor sobre o meu peito.

Oh! tua branca mão, formosa e linda!
Quando na minha tremulo a comprimo,
Falta-me a vida, a luz me foge aos olhos,
A voz ao labio;—rapido borbulha
N'arteria o sangue; fervida palpita
Em fogo a fronte onde a razão vacilla.

Oh! dá-me tua mão! Talvez tua alma
Na suave pressão venha abrazada
Mysterios de teu seio revelar-me.
Ao seu contacto minha dôr se acalma,
E a ledice me ri mais branda e pura.
Tua mão perfumada! Quem podera
Traduzir a expressão que ella derrama!
Só eu lhe escuto as notas palpitantes
Que ella d'uma harpa interna arranca em ondas
De harmonia ineffavel, nunca ouvidas

Por outro que não eu! Meu Deus, que força,
Que melindres de extremos não revela
Um aperto de mão!—O olhar tem prantos,
E ás vezes tambem ri;—alegre ou triste,
Elle é o espelho de intimos luares,
O lago exterior onde se espelham
Do pensamento as sombras fugitivas,
Aves da phantazia;—póde o labio
Tudo, tudo exprimir, quer emmudeça
Contraído de magoa, quer se expanda
Na voz melodiosa; mas quem póde
Dizer toda a eloquencia que diffunde
A tua mão querida?—ella, que sabe
Dar tão doce o prazer, e tanto, e tanto,
Que menos fôra dôr, e mais loucura?

Quando me envias dos serenos olhos
Um raio de tua alma, quem me affirma
Que o ar não resfriou-o?—A voz, por certo,
Na distancia o calor perde, atenúa,
Que vem do coração;—sómente o toque
De tua mão transmite-me perfeita
Tua alma inteira; sinto-lhe ao contacto
Divino fogão, sensações ignotas
Que dão prazer e matam, se transfundem
Pelo meu ser,—e em extasis me arroubam
Que vida me não é, nem morte; antes
De uma e outra o talvez indefinivel.
Os dedos commovidos se entre apertam;
Sangue de ambos se abraza, pulsa ardente;

Trocam-se as sensações uma por uma ;
Gota por gota, rapidas, precipites,
Correm as pulsações;—assim corressem
N'ampulheta da vida as nossas horas
Doiradas pelo amor!—fôra tão bello!
Tão feliz para nós!—O céu tem côres
Que só o lago crystallino estampa
Na pura superficie ; a flôr perfumes,
Que só a brisa entende ; o ermo, o silencio,
Vozes que o bardo tão sómente escuta
E póde definir, tua mão segredos
Que a minha entende, e que minh'alma esconde
Ciosa nos reconditos mais fundos.
Ella me diz si estás alegre ou triste,
Que pezar te magôa ou bem te encanta ;
Sabe rir e chorar, melhor que os labios,
E que os olhos—melhor ; n'um doce aperto
Consolo inda mais doce ao peito côa
Do que soffre, melhor que a voz ; n'um gesto
Reanima a esperança, acorda sonhos,
Que o vento desfolhou dos desenganos :
— Assim mais viva se reergue a planta,
Quando o sol da manhã lhe aquece as ramas.
A saudade profunda, a triste ausência,
O apartamento que no amor,—ligeiro
Embora,—sempre nos parece longo ;
O alvoroço do encontro, ella me pinta
Com tão viva expressão, com força tanta
Que eu os sinto contigo, e fôra inutil
A palavra impotente completal-as.

E pois, si um dia me sorrir ventura
De osculal-a siquer, juro-te, ó anjo,
N'um arroubo d'amor, de affecto puro,
Como em fronte d'irman depor-lhe um beijo,
Como uma flôr sobre um altar de santa,
Mais doce, mais formosa e perfumada,
Nas vozes da oração que o peito exhala.

1875



SCISMAS A' BEIRA-MAR

I

Mar longinquo e profundo! A terra erguida
Lançou-te ao largo, furibundo collo
Duros anneis d'asperrima cadeia,
Porque, batendo nos fuzis de bronze,
Ao rugido das vagas concertasses
Teu hymno eterno ao Creador dos mundos.
Leão terrivel, que um Titan robusto
No seio encarcerou de jaula estreita,
Serás eterno alli!—Raivoso embalde
As ferreas grades violento açcitas
Com a juba hirsuta, e as crinas distendidas
Dos flancos offegantes!—Irritado
Da tenaz resistencia e luta insana,
Em vão colhes a furia inquebrantavel,
E as forças concentrando, horrendo exhalas
No esforço derradeiro o extremo alento!
Amo-te assim, oh mar! quando iracundos,
Bellicosos, galgando o dorso impavido
Dos marinhos corséis,—arrancam, pulam

Teus longos esquadrões de bravas ondas
D'um polo e d'outro polo, erguendo as frentes
De humidas, brancas flôres rociadas!
Quando sentindo, ao recuar das aguas,
Núas as negras, funebres cavernas,
Com medonho estridor nas trévas uiva
O abysmo tenebroso!—quando vôam
Sobre as ondas os genios invisiveis,
As bandeiras de fogo desfraldando
Aos vendavaes revoltos,—ou mordendo
Com a boca scintillante as ancas lubricas
Dos marciaes ginetes, que insoffridos
Franjam, doiram de rapidas fagulhas
Os rutilantes freios encantados!
Quando, do vitreo olhar e largas ventas
Lava e sulphur soprando em bastos rolos,
E as estrondosas patas retumbando
No rouco chão dos polos acendidos,
Ruem teus esquadrões pujantes—contra
A indomita barreira e bronzeo circulo!
Ou quando, roto o ar aos choques rudes,
Os orbes estalados retiniundo
Na immensidade pavida rebôam,
Prolongando o fragor nós echos surdos!

II

Portentoso oceano! Mar sonoro
De vagas turbulentas que murmuram,
Do fugitivo céo beijando as nuvens!

Que mão divina burilou-te á face
Da criação, relevo do infinito ?
Meus olhos quando attonitos alongo
No azul sombrio teu,—e os meus ouvidos
Teu cantico ruidoso attentos sorvem,
Não sei que sacro horror minha alma embebe!
Na tua implacidez se me affigura
Os olhares de Deus fulgirem rubros
E a voz de Jehová gemer profunda.
Sympathica attracção me arrouba inteiro
Aos combros de esmeraldas que balouças
No collo intumecido.... Um vago anhelos,
Mais forte agora, agora mais ardente,
Se acorda no meu ser—de além contigo
Subir,—subir, onde o rumor dos ventos
Com as duras azas não te errice as crinas,
Onde mal chega o pensamento,—e o raio,
Perdendo a força, não desperta um echo,
E expira como um som de ultimo arranco
N'um peito moribundo ! Ah ! quem me dera
Transformar-se minha alma n'essas vagas
Que no teu ventre mádidas se empolam !
Então, senhor do espaço, a sós ~~com~~igo,
E orgulhoso de mim, varrendo as nuvens,
E varejando a abobada sem termos,
Conscio de meu valor, louco de raiva,
Atordoando os céos espavoridos,
Fôra insensato abalroar os mundos
Que n'elles se penduram ! Fôra ousado
Mover no firmamento as nebulosas

E a cortina cerulea, desdobradas
Como um manto de rei sobre o meu dorso!
Eu saciára de infinito—a sêde
Que todo me devora—no aureo pranto
Que as estrellas, abrindo os louros cilios,
Por claras noites,—sem luar,—sem nuvens,
Choram no ether azul! Eu te acendera
Nos raios das tormentas invenciveis
Que fervem-me no seio! e grande, e altivo,
Ao livre espaço o cantico dos livres
Mandára além do páramo—onde vôa
A poeira dos astros desparzida!

III

Da rosea infancia nos captivos dias,
Quando os loiros phantasmas da existencia
Nos arreboes macios se deslisam
D'alvorada da vida em ledos risos,
— Estolida ambição de humanas glorias
Queimou-me o coração antes de tempo.
Palmas, louros sonhei, ventura, amores
N'um seio de mulher que palpitava,
Sem qué eu soubesse, em climas afastados,
Suspirando por mim, como eu por ella.
E parti! Sobre as margens florecidas
Do meu rio natal chorava a brisa
Nas palmas dos coqueiros debruçados,
Das ribanceiras,—namorando o espelho
Da onda fugidia;—além nas brumas

Os ultimos cazaes da minha terra
Nos verdores da matta se escondiam.
Rasos os olhos de sentidos prantos,
Ralado o coração que a dôr transia,
Meu derradeiro adeus com voz cortada
Mandei áquellas varzeas,—onde os echos
Meus gritos infantis inda repetem,
Onde inda á sombra da palmeira á tarde,
Cantando o sabiá prolonga a vista
Pelas ermas campinas, procurando
Quem de escutal-o se enlevava tanto!
Como um ramo de flôr cahido á noite,
Dobrando a fronte ao lume das estrellas,
No remanso tranquillo, tão suave
Das doces aguas que bebi na infancia
A corrente me trouxe acalentado,
E o filho seu querido nos teus hombros
Depoz, sombrio mar!—e alli commigo
Um mundo de esperanças que arraiava
Da juventude o sol com todo o brilho.
Por altas noites, ao clarão doirado
De branda lua, á flôr do mar rompendo,
Na minha solidão, maior que a tua
Pairando sobre as azas da saudade,
Vôou meu pensamento, rorejado
De lagrimas de dôr,—aos floeos plainos
E frescas margens de meu patrio rio,
Verdes, como a esperança!—Acompanhava
O vôo scintillante das estrellas,
Que sobre mim fugiam pressurosas,

Batendo em pleno azul as azas de oiro,
Buscando o puro céu, onde minha alma
Errava ainda pensativa e triste.
Não! não ouvi o cantico de morte
D'alcyon gemebundo, retalhando
Com as alvas plumas do nevado collo
As ondas preguiçosas,—nem jogado
Semimorto nas costas flagelladas
De rochedo longinquo!—Mais sentida
A voz do nauta magôava os ares,
E mais serena resvalava a prôa
Na esteira do luar,—trepido o vento
Nas velas sussurrava,—como o sopro
De mansa viração queixosa, e breve,
Por denso taquaral passando a furto.
Branças auroras dos sombrios mares,
Eu tambem vos amei, tambem tivestes
Um echo dentro em mim, tambem dos olhos
Arrancastes-me lagrimas tão longas
Como as limpidas perolas que rolam
Das trepadeiras que o sertão perfumam!
Quando o tremulo véo de pardas nevoas
Ao ~~so~~ oriental se abria² em franjas
Multicores, boiando a flôr dos mares,
—Leve, embalada no matiz de espumas,
Se ia minha alma a suspirar saudades
De tudo o que deixei, que amava tanto!

IV

A vaga um dia rejeitou-me á praia
Da terra, onde o gigante, erguendo as plantas
Do mar tempestuoso, e a rubra fronte
Roçando o morno céu,—cruzados sobre
O peito os braços,—derramada ao longo
Da face carrancuda a barba intonsa,
— Os olhos de granito ao sol ardente,
Eterno abertos, atrevido volve,
— Atalaia disforme posto á barra
Da linda Guanabara.—Céos serenos,
Azues, sem mancha! esplendido horisonte !
Sobre vós quando a vista se dilata,
De enleio e de cansaço além desmaia
Na verdura das ilhas, desparzidas
Por onde as aguas, soluçando amores,
Adormecem queixosas, balouçando-as.
Fresca plaga do sul! torrão soberbo
Da America ridente! ah! quando á noite
Morno silencio as lampadas dos tropicos
Derramam sobre o globo envolto em abraços,
Nas veigas tuas malsentido corre
Vago concerto de humida harmonia,
Que chora e canta, e timido se eleva,
Sem murmurio, da terra!—E do céu baixa
Um como suspirar de labios frouxos
Por entre as tranças perfumadas, soltas,
Na belleza que dorme, halito brando

Que agita o seio de amorosa virgem
Que em leito de noivado em sonhos rola!
Suave influxo os corações captiva,
Encanta, arrouba, exalta e tresvaria,
Ignota chamma as veias afervora,
E grata languidez ameiga os nervos,
E afrouxa-os, e os sentidos nos ensopa
N'um torpor de voluptia inexprimivel!
Ao doce efflúvio das marés vogando,
Do barco ao longo os remos esquecidos,
Sem vélas, sem adeus,—mas solitario,
Dos meus sonhos d'amor o batel verde,
Deixando os mares, na encantada praia
Prendeu n'um ramo que ennastravam flôres
A mais bella esperança que eu nutria.

V

E amei! E ella é assim como essa imagem
Que a phantazia ardente delinêa
Nas fórmas caprichosas que perpassam
Nos frios nevoeiros, quando a aurora
De vitoricoisler tinge o levante.
Da trança ondada do cabello escuro
O efflúvio dos rosaes reçuma ebrioso,
Onde minha alma solta-se em deliquios
N'um ether de venturas balouçada:
Assim dos ramos do pomar sombrio
Amiga viração desata a furto
Uma folha de flôr, macia e leve,

E longamente, volitando, a beija.
Brilham seus olhos, de um languor celeste,
D'essa tremula luz que humida verte
Vapor de um coração todo innocencia.
E' um anjo do céo, de niveas plumas,
De rosto merencorio,—inda saudoso
Dos espaços azues!—Inda seus labios
Trahem da voz na melodia extreme
O occulto cherubim. Ella deslisa
Na terra como um som de etherea lyra,
Pelo sopro de Deus embrandecida,
Um aroma de flôr, um raio meigo
De candido luar, um rir furtivo
Por labios d'alvorada, um que de vago
Que não sei exprimir, mas que bem sinto
Reflectir-se-me n'alma, qual no espelho
D'esmeraldina folha a luz do orvalho.

VI

No emtanto o meu batel prendido á margem
Da terra á que aportei, fluctua a
Na onda buliçosa.—Si algum dia
A flôr ridente da esperança loira,
Que n'alma lhe enxertei,—morrer-me n'alma,
Oh mar, solta os tufões! No arranco extremo
Eu quero ainda murmurar seu nome,
Dar por ella o meu ultimo suspiro
E a derradeira lagrima,—tão vasta

Como o teu seio tenebroso,—e ardente
Como o profundo amor que lhe hei votado.
Porém, si a doce imagem de meus sonhos
Pela praia deserta os olhos negros
Volver acaso, languida e formosa,
E avistar meu batel.... si por ventura
For-lhe seu meu querer, e sobre as ondas
Quizer dormir, sonhar, viver commigo....
Então.... deixa que as vagas se embrandeçam,
Que te nadem na face as algas verdes,
E os mimosos coraes, na espuma envoltos,
Subam, brilhando ás lagrimas da lua !
Serenos e mansos o barco meu resvale
Sobre saphyras e purpureas conchas,
Sem murmúrio, sem voz,—mas n'um concerto
De suspiros sumidos, frouxos, dubios,
De nossos corações somente ouvidos !
E n'esse enlevo, que não é da terra,
Vogando iremos, á feição das brisas,
Sem rumo.... que sei eu ?—á ignota plaga
Onde a vida é amor, e a morte amores !

1876

FIM

Que distrahindo-se o Infinito assopra
Sobre a taça do mundo, posta a bocca
Enfustiada á ponta de um canudo.

— Mas, — sensação que os nervos me arripia,
Já ouço e vejo as aguas do baptismo
No leito do Jordão, fervendo ao longe . . .
Confrades, boa noite ; eu me retiro.

FIM.